

» ADRIANA BERNARDES

Combater o tráfico de drogas, o homicídio e o sequestro relâmpago é prioridade para o diretor-geral da Polícia Civil do Distrito, Onofre de Moraes. Para conter o avanço da criminalidade

que assusta o brasileiro, a corporação pretende usar a tecnologia, investir na compra de viaturas e equipamentos para a investigação criminal e melhorar as condições de trabalho nas delegacias das cidades. A principal aposta é o Projeto Polaris, um programa de computador

desenvolvido por policiais civis que permite o acompanhamento das estatísticas de crime em tempo real. A partir de fevereiro, o sistema estará disponível em todas as unidades policiais e os investigadores poderão consultar as informações por meio do celular ou do iPad. “Esse sistema

permite a informação imediata do tipo de crime mais comum que ocorre em uma determinada cidade, em uma quadra e, até mesmo, em uma rua. Acabou essa história de operações com base no empirismo. Agora, temos informações precisas para atuar”, afirmou Moraes, em

entrevista exclusiva ao Correio. O novo diretor da instituição anunciou a compra de “viaturas técnicas” para todas as delegacias. A diferença em relação aos veículos convencionais é que elas vêm equipadas com equipamentos de filmagem e gravação que auxiliam

a investigação de crimes como tráfico de drogas, guerra de gangues e homicídios. Atualmente, somente as divisões de inteligência e de combate ao crime organizado e repressão às drogas contam com esse tipo de carro. Leia a seguir os principais pontos da entrevista.

Tecnologia e estatística no combate ao crime

O senhor assumiu o comando da Polícia Civil em meio a uma greve da corporação. Esse assunto já foi definitivamente resolvido?

Onofre de Moraes: A greve gera sempre dois problemas: reivindicações não atendidas e falta de segurança para a sociedade. Por parte do GDF, o acordo feito está sendo cumprido. Mas aumento do efetivo depende da União. A população do DF cresceu e a nossa polícia continua do mesmo tamanho. O quadro está defasado há 18 anos e nós temos uma gestão de apenas 11 meses. O governador concorda com o aumento do efetivo e fará o possível, politicamente, para conseguir. Mas nós sabemos que isso demora.

A falta de profissionais de segurança é uma queixa constante. Porém, existem pessoas cedidas a outros órgãos. Isso não é uma contradição?

Essas requisições são anuais e terminam em 31 de dezembro. Temos 168 casos. Vamos analisar um por um. Se for de interesse da instituição que essa requisição permaneça, nós autorizaremos. Do contrário, não. Particularmente, sou contra. Tenho a opinião de que, concursados da saúde, da educação e da segurança, deveriam ser mantidos nas suas respectivas áreas.

Escândalos políticos recentes têm revelado o envolvimento de policiais com arapongagem, dossiês e chantagens a políticos. Como o senhor pretende lidar com o problema?

Posso falar do presente. Nossa polícia, hoje, é uma polícia de Estado, que investiga qualquer um, não importa a cor partidária. Jamais poderemos perseguir adversários nem proteger aliados. Pessoas ligadas à inteligência acham que quem tem informação, tem poder. Eu digo que, quem detém informação é bandido, incompetente e chantagista. Vou te dar um exemplo pessoal. Eu jamais aceitaria permanecer nesse cargo se não fosse pelo meu trabalho e se

não tivesse autonomia. A partir do momento que eu sentir que ela não é plena, deixo a direção. Resumindo: quem tem rabo preso que se cuide, pois nosso objetivo é cumprir a lei.

O senhor considera possível conciliar esses diferentes grupos políticos e realmente fazer dessa polícia uma polícia de Estado?

Tenho 34 anos de carreira. Nunca consegui nenhum cargo por meio da política. Assumi a direção para defender a instituição e não os interesses de a, b ou c. Algumas medidas que eu tomei foram benéficas à sociedade. Por exemplo, a descaracterização das viaturas do serviço administrativo. Cerca de 80% da frota (aproximadamente 1,2 mil veículos) é descaracterizada. Vamos identificar metade delas. Quem trabalha no serviço administrativo também é policial. A partir do momento que sai com o veículo caracterizado, inibimos a ação do marginal e fortalecemos a presença da Polícia Civil nas ruas.

A criminalidade do Entorno reflete no DF. Se tem notícia de facções organizadas de tráfico de drogas e de roubo a bancos instalados em municípios goianos. Como evitar que esses grupos se instalem aqui?

Já estamos trabalhando para evitar isso. Houve um sequestro em Mato Grosso feito por pessoas do DF. A vítima foi trazida para um cativeiro no Jardim Ingá. Fizemos o resgate e

prendemos os criminosos. Os delegados das regiões limítrofes a Goiás — Santa Maria, Brazlândia, Samambaia, Ceilândia e Planaltina — devem ter um entrosamento maior com os colegas goianos para fazer operações conjuntas. Isso já foi tratado no encontro do governador Agnelo Queiroz com o ministro da Justiça em Luziânia.

Ainda não há grupo criminoso organizado no Distrito Federal?

Não. Em relação às drogas, temos traficantes agindo de forma isolada.

Há algum grande traficante que a polícia não tenha conseguido prender ainda?

Nós temos informações de criminosos de outros estados que despejam drogas no DF. O trabalho de investigação está sendo feito pela Coordenação de Repressão às Drogas, que, agora, tem outro objetivo: auxiliar as delegacias no combate ao pequeno e médio traficante, especialmente nas áreas mais carentes. As crianças são criadas naqueles ambientes e veem os traficantes na esquina, com arma, roupa, carro e mulher bonita. Vê o pai, um trabalhador que ganha pouco e, às vezes, não pode dar nem um tênis para ele. Quem será o ídolo, o pai ou o traficante? Vem aquela sensação de que a vida do crime compensa. Muitas dessas crianças entram no tráfico por conta disso. Qual é a função da polícia? Prender essas pessoas e mostrar, principalmente para

essas meninas e meninos, que a vida criminosa não compensa.

O que a sociedade e os policiais podem esperar da sua gestão?

A reestruturação da polícia é muito aguardada. O projeto está com o governo para análise do impacto financeiro e, a expectativa é que possamos comemorar a aprovação na próxima semana. Cortamos algumas gratificações e aumentamos os benefícios dos chefes de sessão, delegados adjunto e delegados-chefes. A chefia de plantão só tinha ônus, não tinha bônus.

E em relação à estrutura da polícia?

Em breve, vou inaugurar um prédio suntuoso. Fui ao posto da Estrutural e vi um policial bebendo água da torneira. Para você ver as discrepâncias que existem na melhor polícia do Brasil. Determinei a compra imediata de filtros softs para todas as unidades. Vamos criar a Delegacia de Combate aos Crimes contra a Propriedade Imaterial para abolir todo tipo de pirataria no DF. Voltaremos com as sessões de combate às drogas em todas as

unidades. Dentro da delegacia de repressão às pequenas infrações, teremos uma unidade para coibir pichações. Vamos demolir a 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia) e construir um prédio, além do depósito para carros apreendidos em Sobradinho e, em breve, cada policial terá o seu colete. Já temos 800 comprados e, vamos adquirir outros mil. Hoje, o equipamento fica na delegacia para uso da equipe que estiver no plantão. Nossa meta é que o policial tenha segurança, também, ao deixar o posto.

Breno Fortes/CB/D.A Press



Fui ao posto da Estrutural e vi um policial bebendo água da torneira. Para você ver as discrepâncias que existem na melhor polícia do Brasil"

Nossa polícia, hoje, é uma polícia de Estado, que investiga qualquer um, não importa a cor partidária. Jamais poderemos perseguir adversários nem proteger aliados"